



EDIÇÃO Nº 13 – 1º SEMESTRE DE 2012



ARTIGO RECEBIDO ATÉ 15/04/2012
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/04/2012

Quem tomou a casa?
Uma leitura possível de *Casa tomada*, de Julio Cortázar

Eduardo Pereira Machado (Universidade de Coimbra) ¹
Epaminondas de Matos Magalhães (PUCRS) ²

Resumo

Neste artigo, analisaremos o conto *Casa tomada*, de Julio Cortázar sob a ótica da psicanálise. Buscando, para isso, cruzar os elementos textuais/narrativos com a inconsciência do desejo recalcado das personagens, tendo em vista que esse desejo leva o leitor aos sentidos possíveis do conto.

Palavras chave: casa – consciente - desejo

Abstract

In this article, we analyze the short story house made of Julio Cortázar from the perspective of psychoanalysis. Searching for that, crossing the textual / narrative with the repressed unconscious desire of the characters, considering that this desire takes the reader to the possible meanings of the tale.

Keywords: house – conscious -desire

Constitui o *corpus* deste trabalho o conto *Casa tomada*, de Júlio Cortazar. Conto este que instaura uma dúvida: quem tomou a casa? Esse mistério não se resolve em apenas uma análise estrutural da obra, sendo possível

¹ Doutorando em Estudos Clássicos pela Universidade de Coimbra. Professor do Centro Universitário La Salle, Canoas – RS (Unilasalle), da Faculdade Cenecista Nossa Senhora dos Anjos, Gravataí – RS (Facensa) e dos Colégios Marista Assunção e Marista Ipanema, ambos em Porto Alegre – RS.

² Doutorando em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Professor da Universidade do Estado de Mato Grosso (Unemat).



EDIÇÃO Nº 13 – 1º SEMESTRE DE 2012



ARTIGO RECEBIDO ATÉ 15/04/2012
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/04/2012

compreendermos/respondermos a esta pergunta a partir de uma análise literária que cruza uma interpretação psicanalítica dos fatos narrados.

O conto *Casa tomada*, escrito em 1951, faz parte do gênero fantástico não simplesmente pelo mistério que se instaura no texto, mas pelo efeito discursivo do fantástico que se materializa nesta narrativa.

Há que se pensar que o espaço da casa no conto ocupa uma dupla articulação: a primeira um lugar onde o terrível e o monstruoso habitam; e a segunda, um espaço de proteção. Bachelard (1989, p. 24) define *a casa como nosso canto do mundo (...)* *nosso primeiro universo. É um verdadeiro cosmo*. Nesse sentido, a casa no conto não é apenas um lugar físico, pois é lá que *se abriga o devaneio* (Bachelard, 1989, p. 26). É sobre a possibilidade do devaneio como consciência do inconsciente que nossa análise se deterá.

No conto temos uma relação ambígua entre dois irmãos que culmina em um desejo incestuoso. A narrativa conta a história de dois irmãos que vivem em uma imensa casa e que, em um determinado momento, ouvem ruídos silenciosos, fazendo-os, assim, fecharem uma parte da residência. Após esse fato, passam a viver apenas no espaço livre. Ocorre que, depois de um tempo acostumados a viverem apenas naquela parte da casa, ouvem novamente os ruídos e, então, a casa é tomada completamente; restando-nos a pergunta que não é respondida por Cortázar: quem tomou a casa?

Antes de adentrarmos na análise psicanalítica do conto, é necessário definirmos que tal texto pertence ao gênero fantástico e, como tal, surge em oposição ao realismo. O gênero fantástico é aquele que foge aos padrões previsíveis da realidade, inquietando o leitor que espera que os fatos obedeçam a uma ordem real. O conto



EDIÇÃO Nº 13 – 1º SEMESTRE DE 2012



ARTIGO RECEBIDO ATÉ 15/04/2012
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/04/2012

parte de uma situação corriqueira e banal, mas vai além disso quando propõe um mistério que desnorteia e desloca o leitor.

Em Cortázar, o fantástico se desenvolve sob o plano da realidade subvertendo-o, abrindo no real uma fissura para a irrealidade. Ao estabelecer essa fissura, o autor cria uma incerteza de quem possa ter tomado a casa. O elemento principal dessa narrativa são os ruídos, que passam a gerar toda a gama de incertezas que circundam o texto.

O leitor, deste conto, jamais pode ser passivo em relação ao que está lendo, visto que, mesmo sendo uma narrativa de estrutura linear, o texto em si exige uma postura crítica em relação ao próprio texto.

As inquietações lançadas pelos ruídos causam um sentimento de estranheza no leitor que é deslocado de seu universo, perturbando-o. Assim, a narrativa propõe um eterno retorno ao texto na tentativa de desvendar os mistérios instaurados no conto. Dessa forma, o leitor precisa constantemente retornar a certas passagens do texto para que as hipóteses de leituras possam ser consolidadas.

Tal atitude está metaforizada no tecer e destecer de Irene, personagem do conto, tal qual Penélope de a *Odisseia*. Irene tece roupas, coletes e xales sem necessidades, mas este tecer é símbolo da permanência no local e da permanente presença de seu irmão, que passa a admirá-la pelas suas habilidades com a agulha. Assim, o tecer de Irene simboliza, até certa medida, o desejo inconsciente pelo irmão, e este por ela. Porém, estes sentimentos, a princípio, são ignorados por ambos e, posteriormente, surgem mais fortes e poderosos manifestados através da materialização dos ruídos silenciosos.



EDIÇÃO Nº 13 – 1º SEMESTRE DE 2012



ARTIGO RECEBIDO ATÉ 15/04/2012
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/04/2012

Há sobre o tecer e destecer outra possibilidade analítica para além do próprio texto, dado que este ato simboliza a necessidade de o leitor se obrigar a um eterno retorno ao texto, para desvendar as redes de significações que estão presentes no mesmo.

Com relação ao texto *Casa tomada*, o elemento perturbador: os ruídos, passa a simbolizar o desejo de um sob o outro, manifestado na casa, que assume uma posição de importância na narrativa, *Mas é da casa que me interessa falar, da casa e de Irene, porque eu não tenho nenhuma importância. Pergunto-me o que teria feito Irene sem o tricô* (Cortázar, 2012³).

Devemos considerar, segundo Passos (1986), que o eu na narrativa pouco importa, tanto que o narrador neste conto não é nomeado. Não assume uma identidade, sendo apenas retratado como narrador ou protagonista do conto. O importante é o outro, falar do outro, demonstrar os anseios do outro, sendo este o objeto de seu desejo. Dessa maneira, Irene é o objeto de seu desejo, apresentada por esse narrador como uma pessoa calma, com uma aura angelical.

As visões sobre Irene já demonstram por si só o desejo recalcado do narrador-personagem que não a vê apenas como uma figura parental, mas como mulher doce, calma e angelical. O narrador aos poucos vai se revelando, através de seu discurso.

A casa, para além de um espaço de abrigo, simplesmente, constitui o centro de referência das personagens. A casa, portanto, personifica-se, ganha vida e define as ações das personagens de tal forma, que o eu vive em função dos outros (Irene e a casa). *Era para nós agradável almoçar pensando na casa ampla e silenciosa e em*

³ Tendo em vista que utilizamos como meio de consulta o conto extraído do sítio <www.releituras.com/jcortazar_casa.asp>, não há indicações de páginas.



EDIÇÃO Nº 13 – 1º SEMESTRE DE 2012



ARTIGO RECEBIDO ATÉ 15/04/2012
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/04/2012

*como nos bastávamos para mantê-la limpa. Às vezes chegamos a **pensar que foi ela que não nos deixou casa*** (Cortázar, 2012, grifo nosso) A casa, nesse sentido, define quais serão os rumos das personagens. Contudo, há de se pensar que essas definições da casa só ocorrem porque há um motivador: o desejo incestuoso das personagens.

Segundo Passos (1986), é na casa em que se encontram guardados os desejos recalçados das personagens. Os recalques só ocorrem porque ambos se impediram ou foram impedidos da obtenção do prazer. As personagens, na impossibilidade de realizar o prazer, pois ambos não se casam, são levadas ou movidas a substituir esse prazer por ações rotineiras da casa e de suas vidas, buscando com isso suprimir ou abafar esses desejos.

Acostumamo-nos Irene e eu a persistir sozinhos nela, o que era uma loucura, pois nessa casa poderiam viver oito pessoas sem se estorvarem. Fazíamos a limpeza pela manhã, levantando-nos às sete horas, e, por volta das onze horas, eu deixava para Irene os últimos quartos para repassar e ia para a cozinha. O almoço era ao meio-dia, sempre pontualmente; já que nada ficava por fazer, a não ser alguns pratos sujos. Gostávamos de almoçar pensando na casa profunda e silenciosa e em como conseguíamos mantê-la limpa. (Cortázar, 2012)

A casa, antes mesmo dos ruídos, já se encontra dividida, simbolizando com isso a divisão entre o prazer e o não prazer. A residência, portanto, é símbolo do próprio desejo recalçado, que se mostram muito próximos, ou seja, a casa se encontra dividida, mas cada parte está próxima uma da outra, demonstrando com isso, também, que as personagens encontram-se divididas entre o desejo de se terem ou não.

No percurso figurativo da casa, podemos destacar que após a mesma ser tomada pelos ruídos, abre-se um duplo espaço entre o que é habitável e o tomado.



EDIÇÃO Nº 13 – 1º SEMESTRE DE 2012



ARTIGO RECEBIDO ATÉ 15/04/2012
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/04/2012

A casa, por sua vez, é descrita com pormenores e se ressalta, no início, pela extensão, mas a porta, que a divide ao meio, termina por transformá-la, em dois espaços distintos e incomunicáveis: o habitável e o tomado (Passos, 1986, p. 19)

Dessa maneira, a medida que se cria esse duplo espaço, que já evidenciamos mesmo antes de ser tomada por ruídos, a casa representa o desejo recalçado, manifestado na parte tomada, e o desejo livre na parte habitável. Assim, as personagens criam uma fuga para a censura de seus desejos projetando um espaço em que os recalques ficam presos. Ao prender os recalques na parte tomada, as personagens ficam livres para se abrirem aos desejos.

Devemos pensar que a casa é tomada por ruídos que se ouvem silenciosos. Nesse sentido, nos surge a seguinte questão: como podem os ruídos serem surdos?. Os ruídos no conto ocorrem apenas e simplesmente na mente das personagens, projeções de um desejo que não aguenta mais a espera da liberdade.

Andei pelo corredor até ficar de frente à porta de mogno entreaberta, e fazia a curva que levava para a cozinha quando ouvi alguma coisa na sala de jantar ou na biblioteca. O som chegava impreciso e surdo, como uma cadeira caindo no tapete ou um abafado sussurro de conversa. (Cortázar, 2012)

No início do conto, há uma estrutura harmônica prevalecendo, ou seja, os desejos encontram-se recalçados e cada uma das personagens os abafando através dos afazeres domésticos, até o momento em que a casa é tomada. Quando esta é tomada, o narrador fecha a porta com um golpe, de forma abrupta, cindindo com a estrutura harmônica do conto.



EDIÇÃO Nº 13 – 1º SEMESTRE DE 2012



ARTIGO RECEBIDO ATÉ 15/04/2012
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/04/2012

Joguei-me contra a parede antes que fosse tarde demais, fechei-a de um golpe, apoiando meu corpo; felizmente a chave estava colocada do nosso lado e também passei o grande fecho para mais segurança. (Cortázar, 2012)

Os ruídos, portanto, alteram a rotina e a ordem segura das personagens, agora tudo precisa ser reestabelecido. Aos poucos as personagens se acostumam com este novo ambiente que as circundam, acostumam a viver em apenas uma parte da casa.

Irene foi se acostumando a ir junto comigo à cozinha para me ajudar a preparar o almoço. Depois de pensar muito, decidimos isto: enquanto eu preparava o almoço, Irene cozinharía os pratos para comermos frios à noite. Ficamos felizes, pois era sempre incômodo ter que abandonar os quartos à tardinha para cozinhar. Agora bastava pôr a mesa no quarto de Irene e as travessas de comida fria. (Cortázar, 2012)

Há de se pensar que a própria narrativa aos poucos vai respondendo, na visão psicanalítica, quem tomou a casa. As personagens, à medida que a casa é tomada, passam a viver, como na assertiva acima, mais próximos, passam a ter mais tempo um para o outro, passam a frequentar os mesmos ambientes daquela casa que no início era enorme. Assim, à proporção que a casa vai sendo tomada, as personagens vão se aproximando; aproximação esta que é resultado dos desejos recalçados e da censura que ficou presa na parte tomada.

Estando ambas as personagens livres, passam a exercerem sua liberdade uma para com a outra. Os ruídos perturbadores não são frutos de fenômenos sobrenaturais, mas dos desejos que começam a ganhar materialidade.



EDIÇÃO Nº 13 – 1º SEMESTRE DE 2012



ARTIGO RECEBIDO ATÉ 15/04/2012
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/04/2012

Outra questão que nos chama a atenção é para o fato de as personagens viverem sem pensar. A fuga da racionalidade apresenta no conto o desejo da irrealidade. Nesse sentido, viver sem pensar simboliza o ensejo de sobrepor os desejos acima de qualquer coisa.

No final do conto, as personagens encontram-se iludidas com a situação que seu subconsciente criou, abandonam a casa e passam a viver da forma como seus desejos definem; as personagens estão tão próximas que chegam ao ponto de se abraçarem.

Como ainda ficara com o relógio de pulso, vi que eram onze da noite. Enlacei com meu braço a cintura de Irene (acho que ela estava chorando) e saímos assim à rua. Antes de partir senti pena, fechei bem a porta da entrada e joguei a chave no ralo da calçada. Não fosse algum pobre-diabo ter a idéia de roubar e entrar na casa, a essa hora e com a casa tomada. (Cortázar, 2012)

Assim, o que nos cumpre destacar, neste conto, é que a casa é o espaço simbólico dos desejos que estão no inconsciente das personagens. O mistério do conto *Casa tomada*, de Julio Cortazar, sobre quem tomou a casa pode ser respondido a partir da leitura dos desejos recalçados, ou seja, através da interpretação psicanalítica da narrativa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BACHELARD, Gaston. *A Poética do espaço*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

CORTÁZAR, Julio. *Casa tomada*. www.releituras.com/jcortazar_casa.asp, acessado em 20 de fevereiro de 2012.



EDIÇÃO Nº 13 – 1º SEMESTRE DE 2012



ARTIGO RECEBIDO ATÉ 15/04/2012
ARTIGO APROVADO ATÉ 30/04/2012

PASSOS, Cleusa Rios Pinheiro. *O outro modo de mirar: uma leitura dos contos de Julio Cortázar*. São Paulo: Martins Fontes, 1986.

ROSSET, Clément. *O real e seu duplo: ensaio sobre a ilusão*. Apres. e Trad. José Thomaz Brum. Porto Alegre: L&PM, 1998.